



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 2 | ABR-JUN 2020

EÇA DE QUEIRÓS E A CONSTRUÇÃO DA CRITICIDADE MODERNA



EÇA DE QUEIRÓS AND THE CONSTRUCTION OF MODERN CRITICALITY

RODRIGO DO PRADO BITTENCOURT
UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 18/12/2019 • APROVADO EM 28/02/2020

Abstract

As from the bibliographical analysis of the work of Eça de Queirós, it was read the texts of this author in the light of theories focused on the phenomenon of Postcolonialism. Thus, Cosmopolitanism, Eurocentrism and Orientalism were analyzed from the reflection on the Queirosian creative process and on the way in which it constructs the discourse of its journalistic and literary texts. It is concluded that the work of Eça inaugurates a new criticality in Portugal and precedes part of the elements of the Post-colonialist theories.

Resumo

A partir da análise bibliográfica da obra de Eça de Queirós, buscou-se ler os textos deste autor à luz das teorias voltadas para o fenômeno do pós-colonialismo. Assim, o cosmopolitismo, o eurocentrismo e o orientalismo foram analisados a partir da reflexão sobre o processo criativo queirosiano e sobre o modo como ele constrói o discurso de seus textos jornalísticos e literários. Conclui-se que a obra de Eça inaugura uma nova criticidade em Portugal e antecede parte dos elementos das teorias pós-colonialistas.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Eça de Queirós. Criticity. Prejudice. Anachronism. Modernity.

PALAVRAS CHAVE: Eça de Queirós. Criticidade. Preconceito. Anacronismo. Modernidade.

Texto integral

Introdução

José Maria Eça de Queirós (1845-1900) foi um homem cosmopolita. Vivendo no exterior por muitos anos e tendo viajado para locais exóticos ou simplesmente distantes de sua pátria natal, ele demonstrou por diversas vezes possuir um amplo conhecimento dos costumes e das culturas alheias. Além de ter morado em Portugal, Cuba, Inglaterra e França, o escritor viajou pela Palestina, o Egito, os Estados Unidos, o Canadá, Espanha e outros locais. Não só isso: interessado em descobrir civilizações distintas, Eça foi um estudioso daquilo que hoje chamaríamos de Antropologia e de História das Civilizações da Antiguidade.

Este fascínio por diversos locais do mundo e por diferentes formas de vida fez com que Eça, muitas vezes de modo puramente fantasioso, mencionasse em seus escritos os mais diferentes lugares, como o Sião, a Lapônia, a terra dos cafres, a Patagônia, a China, o Indostão, o Japão, a Palestina, o Egito, Moçambique, etc. Alguns deste locais são apenas mencionados, efetivamente. Outros tornaram-se palco de desenvolvimento narrativo, tornando-se importantes cenários de sua ficção. Outros ainda são utilizados apenas como exemplos em sua argumentação jornalística, muitas vezes exagerada e mais literária que objetiva.

De todo modo, o cosmopolita escritor acabou por criar personagens também cosmopolitas, como é o caso de Carlos da Maia, Jacinto e, sobretudo, Carlos Fradique Mendes. Assim, este traço não é um detalhe insignificante, mas um importante elemento de análise para se entender a obra queirosiana.

Sem intenção biografista, cabe (re)lembrar que Eça de Queirós foi cônsul de Portugal em Cuba, na Inglaterra e na França. Isto certamente o levou a ser ainda mais cosmopolita do que já era, quando morava em Portugal e já demonstrava interesse

por culturas e costumes diferentes, como se vê n'As **Farpas**, escritas em parceria com seu amigo, Ramalho Ortigão, e coligidas depois em **Uma Campanha Alegre**, com revisão e modificações realizadas pelo próprio autor. É por missão diplomática que Eça viaja pelos Estados Unidos e Canadá. Assim como é por suas obrigações consulares que se envolve no debate sobre o trabalho escravo de chineses, em Cuba.

Chama a atenção o interesse que Eça demonstra ter pelas civilizações do Extremo Oriente, ainda que isso não exclua uma postura eurocentrista. De fato, ele demonstra por diversas vezes uma atitude de europeu orgulhoso, diante de outros lugares do mundo. Ainda assim, parece ser bem menos etnocentrista que a maioria de seus contemporâneos portugueses, que pouco interesse demonstravam por culturas e costumes não europeus. Assim, é preciso ler criticamente os textos de Eça a respeito de povos e civilizações distintos do padrão europeu ocidental e há hoje inúmeros autores que permitem compreender melhor esta conflituosa relação entre a Europa e os povos que ela invadiu e subjugou. Edward Said (2003) é um dos mais importantes autores para esta análise crítica. Ainda assim, é preciso ter cuidado para não incorrerem num viés anacrônico, esperando encontrar num autor da segunda metade do século XIX um arcabouço crítico e conceitual que só foi se desenvolvendo paulatinamente, ao longo dos séculos XX e XXI.

1. Orientalism, de Said

Com **Orientalism**, Edward Said tentou romper com as visões estereotipadas que o Ocidente produzia (e ainda produz) a respeito do Oriente, ou seja, de civilizações e culturas distintas da sua. Este estereótipo não é fruto de mera ignorância, ou, ao menos, não é fruto de falas e escritos de pessoas necessariamente tidas como “ignorantes”, pelo grupo dominante acadêmico. Ao contrário, Said mostra que mesmo nomes consagrados da intelectualidade e da arte ocidentais incorrem numa visão pouco crítica e mesmo preconceituosa em relação ao Oriente.

Corajoso, Said não se limita a uma crítica genérica com relação aos “escritores” ou “filósofos”, mas menciona exatamente as pessoas que pensa serem merecedoras desta observação. E não são nomes de pensadores e artistas secundários, mas “nomes de peso”, ou seja, nomes famosos e respeitados:

In the first place, nearly every nineteenth-century writer (and the same is true enough of writers in earlier periods) was extraordinarily well aware of the fact of empire: this is a subject not very well studied, but it will not take a modern Victorian specialist long to admit that liberal cultural heroes like John Stuart Mill, Arnold, Carlyle, Newman, Macaulay, Ruskin, George Eliot, and even Dickens had definite views on race and imperialism, which are quite easily to be found at work in their writing (SAID, 2003, 15).

É evidente que o nome de Eça poderia integrar esta lista, como imperialista e orientalista. N'As Farpas, em seus escritos de imprensa posteriores e n'A Ilustre Casa de Ramires, Eça demonstra aceitar a colonização europeia como fato dado e fora de questionamento. Isso não significa que ele desejasse isso, mas que reconhecia como fato inelutável: as grandes potências da Europa e os Estados Unidos não tinham rivais à altura, quando se tratava de eficiência bélica e ânsia por dominar a qualquer custo. Assim, o resto do mundo permanecia vulnerável diante de um ataque destes potentados e, na corrida por mais poder e riquezas, todos os países dominantes que desejassem manter sua posição no cenário internacional deveriam buscar novas colônias. Quando um se arma, todos devem se armar para manterem sua independência e seu poder; o mesmo vale para as conquistas imperialistas. Há que se pensar que, no limite, vivemos ainda no cenário hobbesiano de guerra de todos contra todos no interior das relações internacionais.

Isso, evidentemente, não justifica o imperialismo, como afirmou o próprio Said (2003), mas é preciso que seja levado em consideração, pois há uma diferença, mesmo que tênue, entre os que dominam porque se acreditam membros de uma raça superior e destinada a vitória sobre tudo e todos e os que dominam simplesmente por interesses econômicos e políticos, sem necessariamente desejar o extermínio ou a total escravização dos diferentes. Se refletirmos com cuidado, perceberemos que esta era a principal diferença entre a vitória nazista (que podem ser identificados com o primeiro grupo) e a dos aliados (segundo grupo), na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Partindo desta diferenciação, consegue-se compreender melhor a obra queirosiana e é preciso lembrar que este autor muitas vezes se demonstrou crítico das atitudes de dominação e rapina por parte das grandes potências. São notáveis os textos dele criticando a conquista inglesa sobre o Egito (QUEIRÓS, 2002b) e sua dominação sobre a Irlanda (QUEIRÓS, 2002a). Ainda assim, Eça pode ser enquadrado como imperialista e orientalista. Mas qual a diferença entre estes dois conceitos? "Imperialismo" é um termo mais conhecido e pelo que já se disse acima, penso que está claro qual é o seu sentido: trata-se da dominação de um país sobre outros, impondo sua cultura e costumes e explorando o trabalho, o mercado consumidor e as riquezas naturais dos dominados. A única questão a ser discutida é que há dois tipos de imperialistas: aqueles que só desejam poder e riquezas e aqueles que possuem uma ideologia de supremacia (seja racial, cultural, espiritual, etc.) que é usada para justificar o genocídio e a escravização total. Evidentemente, os dois tipos são odiosos, mas o segundo é ainda pior que o primeiro.

Quanto ao Orientalismo, é preciso lembrar que Said vê a própria imagem do Oriente como um instrumento desta dominação e como um complexo constructo ideológico a serviço do poder. O próprio Oriente deve ser "orientalizado", ou seja, deve ser enquadrado numa imagem artificialmente criada pelo Ocidente e que aparece como uma imagem do que o "Oriente" realmente é de seus caracteres "típicos".

Said comenta, por exemplo, como Flaubert forneceu uma imagem da "mulher tipicamente oriental", não por meio de um conhecimento profundo de diversas mulheres de diversas idades, classes, posicionamentos políticos, religiões e locais do vasto Oriente, mas a partir de seu breve convívio com uma cortesã egípcia. Flaubert

não pode ser tido nem sequer como uma testemunha do que esta mulher tem a dizer, uma vez que é ele quem fala por ela, rotulando-a por meio de seus preconceitos, numa franca posição de dominante que prescinde da visão de mundo do dominado. No caso, soma-se à dominação imperialista a própria dominação do homem sobre a mulher, historicamente construída e extremamente presente nas sociedades europeias (e não só) do século XIX.

Um dos mais marcantes aspectos da visão de Orientalismo apresentada por Said, extremamente crítica em relação à visão presente no discurso ideológico dominante ocidental, é a sua condição multifacetada e ampla. O Orientalismo não é fruto de um pequeno grupo de intelectuais ligados a uma determinada universidade ou ao ministério ultramarino de algum Estado. Ele se constituiu a partir de diversas contribuições dos mais distintos grupos, dos mais diversos países europeus, e mesmo durante longos anos e de modo pouco ordenado, sem planejamento prévio.

Graças a este caráter aparentemente espontâneo, podem ligar-se a este fenômeno escritores de diferentes escolas literárias, políticos de diferentes posicionamentos teóricos, filósofos dos mais diversos matizes, historiadores defensores de diferentes metodologias e abordagens epistemológicas e mesmo estudiosos da Bíblia. Aliás, segundo Said, estes foram de extrema importância para a formação do Orientalismo no século XVIII.

Isto mostra quão complexa é a questão da visão que o Ocidente produziu para consumo próprio daquilo que ele chama de “Oriente” e o quanto ela se “enraizou” nos mais diversos setores das sociedades ocidentais, sendo formada num processo paulatino e inconstante, que tem atravessado séculos e se fortalecido cada vez mais, ainda que esteja indo para a direção errada.

Esta dispersão da ideia de Oriente que se apresenta como dominante fez com que ela se tornasse parte do senso comum e por isso, ainda mais difícil de ser combatida. Afinal, trata-se de uma ideia acreditada tanto pelas “pessoas comuns” quanto pelos intelectuais e artistas, pelo establishment e pelos opositores a ele. Trata-se, portanto, de um consenso difícil de ser quebrado, pela força do tempo e da vastidão do grupo que o aceita. Como diria Goebbels, “uma mentira dita mil vezes, torna-se uma verdade”, e Said é duro (para não dizer “preconceituoso”) quando se refere a este fato: “*It is therefore correct that every European, in what he could say about the Orient, was consequently a racist, an imperialist, and almost totally ethnocentric*” (SAID, 2003, 205).

Esta ideia de Oriente tão bem aceita no Ocidente, entretanto, não apenas é falsa bem como atende a interesses imperialistas deste, não sendo, portanto, nada inocente. Não se trata de um inocente estudo acadêmico, falho graças ao preconceito dos pesquisadores, mas desprovido de qualquer má intenção a priori. Ao menos, depois de certo período, o Orientalismo aparece como um fenômeno cada vez mais coeso e mais direcionado a justificar o domínio do europeu sobre outras regiões e povos.

Com a intensificação do processo de Colonização da África e da Ásia nos séculos XIX e XX, o Orientalismo passou a ser importante demais para ser deixado livremente, sem incentivo dos governos dos Estados europeus. Estes passam a interferir fortemente nos estudos referente às regiões colonizadas e à superioridade

das raças e culturas europeias. Assim, torna-se cada vez mais difícil dissociar Orientalismo de Racismo e Imperialismo.

Said aponta ligações entre a Filologia do século XIX e o Racismo; bem como entre a Antropologia deste mesmo século e a Frenologia, pseudociência claramente racista. Assim, a universidade, e mesmo os estudiosos diletantes do século XIX, aparecem numa íntima união com as tropas invasoras que calcam aos pés os descendentes das Antigas Civilizações Orientais por eles estudados e pretensamente admirados. Pode-se dizer que a ciência teve papel fundamental neste domínio racista-imperialista e que os europeus estabeleceram seu domínio por meio de uma tríade que unia o poder ideológico a duas das mais poderosas armas que o século XIX conheceu: os canhões krupp e os empréstimos do banco da família Rothschild.

A este respeito, disse Said, condenando a ideia de que é possível ser preconceituoso inocentemente e favorecer a dominação, a guerra e o racismo sem que se possa ser responsabilizado por isso:

My objection to what I have called Orientalism is not that it is just the antiquarian study of Oriental languages, societies, and peoples, but that as a system of thought it approaches a heterogeneous, dynamic, and complex human reality from an uncritically essentialist standpoint; this suggests both an enduring Oriental reality and an opposing but no less enduring Western essence, which observes the Orient from afar and, so to speak, from above. This false position hides historical change. Even more important, from my standpoint, it hides the interests of the Orientalist. Those, despite attempts to draw subtle distinctions between Orientalism as an innocent scholarly endeavor and Orientalism as an accomplice to empire, can never unilaterally be detached from the general imperial context that begins its modern global phase with Napoleon's invasion of Egypt in 1798 (SAID, 2003, 334).

Por este motivo, a obra do pesquisador disposto a analisar a História e a Cultura das Civilizações Não-Europeias deve partir do princípio que a análise dos testemunhos deixados pelo Ocidente a respeito de sua visão do Oriente não podem ser analisados de modo dissociado das ações políticas europeias no seio destes países invadidos e dominados. Afinal, as ideias não estão a pairar num mundo paralelo ao mundo material, sem jamais lhe tocar e se contaminar das exigências impingidas pelas necessidades da matéria. Marx já alertava isso, e se o próprio Marx é criticado por Said por passagens em que ele se mostra preconceituoso em relação ao Oriente, é bem verdade que Gramsci é uma referência importante para o autor e é por meio de citações do marxista italiano que Said aponta para o fato de que a dominação não se dá apenas por meio de armas e soldados, sendo os intelectuais, professores e artistas tão importantes – e, conseqüentemente, culpados – para seu sucesso quanto as vitórias militares.

2. Eça e sua visão da Europa e do resto do mundo

Antes de tudo, é interessante notar que Eça não tem uma postura simples diante de países dominados ou simplesmente cobiçados pelos europeus (se é que houvesse algum país no mundo que não se enquadrasse em uma dessas duas categorias). Ao mesmo tempo que ele critica a ação de rapina e imperialismo das grandes potências europeias, ele não deixa muitas vezes de mostrar eurocentrismo e até desprezo por povos que ele julga atrasados e desorganizados. Eça, durante um momento, ainda parece acreditar na marcha civilizatória do progresso e na racionalização do mundo enquanto algo mais ou menos benéfico e necessário. Nos romances do fim de sua vida, esta crença se mostrará fortemente abalada.

Além disso, como parte do corpo diplomático de um país imperialista (ainda que decadente), ele não poderia (ainda que pensasse assim) expor publicamente o desejo de que cessasse por completo o domínio de alguns povos sobre os outros. O que, no final do século XIX, em meio à intensa corrida armamentista e imperialista que acabou levando à I Guerra Mundial (1914-1918), soaria, mais que nunca, romântico e ingênuo. Seria como a república idealizada por Tomás de Alencar, n' *O Maias*: linda e fascinante, mas ridiculamente impossível e utópica (1945).

Eça de Queirós foi aquilo que, em termos de Política Internacional, seria chamado de “realista” (o que combina bem com sua posição no próprio campo da estética). Ou seja, ele raramente discutia o direito e a moral, mas analisava as lutas de poder tais como eram (e não como deveriam ser). Ainda assim, ele produziu diversos textos em que condena a atitude dominadora e imperialista da Inglaterra, por exemplo. Ele faz a caricatura da prepotência inglesa; de sua ignorância quanto ao que se passa no resto do mundo (mesmo na França); do ridículo de sua pompa e de seu formalismo; de suas instituições pretensamente liberais, mas capazes de oprimir fortemente a Irlanda, o Egito e o Afeganistão; sua desigualdade social gritante e o escândalo do luxo de sua elite diante da miséria de grande parte de sua população (mesmo se tratando do mais rico país do mundo); seu militarismo e seu puritanismo hipócrita, por fim. Com efeito, são inúmeros os trechos em que Eça coloca-se do lado do oprimido e não do opressor.

Ainda assim, ele não se sente vexado de criticar também os dominados, apontando aquilo que pensa ser os erros e as falhas de civilizações antiquíssimas e de culturas riquíssimas, mas incapazes de garantirem sua própria sobrevivência diante dos espoliadores europeus, sobretudo o “John Bull” inglês. Assim, é forçoso admitir que Eça foi, sim, orientalista e imperialista, muitas vezes. Deve-se fazê-lo, entretanto, sem esquecer que ele também foi libertário, pluralista, revolucionário e anti-imperialista, outras diversas vezes. E não se tratam de épocas distintas de sua vida, mas muitas vezes ele alterna entre uma postura e outra no interior do mesmo texto.

Eça foi uma figura complexa, que sempre escreveu com muita liberdade, sem medo de escandalizar (e muitas vezes desejando justamente isso). Além disso, ele antecipou-se ao seu tempo em muitos aspectos, representando uma grande “modernização” estética e ideológica para Portugal. Não se pode enquadrá-lo em rótulos, pois ele foi um homem e escritor multifacetado, podendo ser considerado

um precursor do também multifacetado Fernando Pessoa, em muitos aspectos. Para entendê-lo em seu contexto, talvez seja útil comparar sua visão de mundo com a de contemporâneos seus. Mesmo homens que, juntamente com Eça, fizeram parte da chamada “Geração de 70” mostram-se muito mais crentes no papel civilizatório do Ocidente e muito mais imperialistas e orientalistas que o autor d’A Ilustre Casa de Ramires. Pode-se mencionar o exemplo de Teófilo Braga. A respeito da obra História da Literatura Portuguesa (Recapitulação), escrita por este autor e depois relançada, revista e modificada, em 1909 (portanto nove anos depois da morte de Eça de Queirós), diz Bittencourt:

Assim, a Idade Média, a Idade Antiga ou qualquer outro período histórico eram vistos pelos positivistas não como um período único, distinto de todos os demais em suas especificidades, mas sublinhava-se o que ele poderia ter de comum com os outros, de modo a conseguir deslindar uma continuidade e mesmo uma identidade entre estes diversos períodos. A História teria, portanto, um fio condutor.

Teófilo Braga parece seguir esta linha de raciocínio e no caso dele este fio condutor que leva os portugueses a fazerem Literatura do modo como fizeram e fazem é a força de sua raça, que já tendo produzido as Grandes Navegações, confirma este esplendor com ricas obras literárias. Ou melhor: raça tão vigorosa que conseguiu gerar um povo capaz de um feito político – os Descobrimentos – à altura de sua Literatura (BITTENCOURT, 2014, 75).

Deve-se lembrar que Portugal também era um país relativamente dominado por potências de primeira grandeza, como a França e a Inglaterra, e Eça discute também esta questão (seja em seus contos e romances ou literário-jornalísticos). O que certamente contribuiu para que ele tivesse uma visão bem mais crítica diante do poder europeu que muitos autores destes países extremamente poderosos. Assim, é como muita desenvoltura que ele escreve – e escreve muito – criticando as ações imperialistas sobre seu país e sobre todo o resto do mundo. Por outro lado, esta mesma desenvoltura está presente quando ele critica a fraqueza e a submissão de seu país a este domínio estrangeiro e a aliança entre a elite de sua própria nação e os exploradores de fora. Assim – como quem sabe do que está falando, por experiência própria – Eça sente-se à vontade para criticar esta mesma atitude de fraqueza e/ou traição em outros países, seja na América, África ou Ásia. Muitas vezes, a forma como o faz, porém, torna-se virulenta demais e chega a constituir um exemplo de eurocentrismo e orientalismo.

3. Conclusão

Além das considerações anteriormente realizadas, há que se ter em mente que Eça sempre usou muito livre de sua pena, sem se importar em demonstrar

coerência ou lógica. Ele foi um artista não mais rigorosa acepção da palavra; mesmo quando fazia textos para jornais, ele os escrevia em forma de arte. Além disso, há que se recordar que muitos dentre os textos de Eça a tratar de países não europeus foram escritos para a **Gazeta de Notícias**, do Rio de Janeiro, e eram destinados a um suplemento literário e não para uma seção de notícias e reportagens. Assim, a liberdade do artista era plena. Além disso, o próprio jornalismo, na época, era bem distinto do que é hoje, com uma presença literária muito maior; prova disso é a importância do folhetim para estes periódicos. O próprio Eça publicou livros por meio de jornais.

Assim, este escritor não deve ser visto como um filósofo ou um acadêmico, um homem do campo da lógica, mas como um artista que se sente livre para “torcer” suas ideias a seu bel-prazer, em busca do efeito que deseja produzir. Eça de Queirós foi muito mais um sofista que um homem da dialética socrática. Ele nunca se preocupou com o rigor de suas ideias e com o questionamento de suas opiniões, mas sempre buscou a forma perfeita. Isso explica contradições como a de um escritor visto por muitos, até hoje, como anticlerical e que escreveu textos sobre as vidas de alguns santos; ou de um homem que sempre se colocou como libertário, próximo mesmo do socialismo, e que fez um texto repleto de elogios à rainha de Portugal (QUEIRÓS, 2005, 105-117); ou ainda de quem sempre ridicularizou o romance histórico e o apego ao passado e que faz um romance deste gênero no interior de outro romance, este sim sobre o presente e de matiz realista (*A Ilustre Casa de Ramires*).

Em realidade, é difícil dizer em que Eça de fato acreditava e é bem possível que nem ele soubesse responder a esta pergunta, mesmo que quisesse, por nunca ter se preocupado com isso. Seu compromisso sempre foi com a arte e não com a lógica. Assim, é bem possível imaginar que grande parte do eurocentrismo demonstrado por ele estivesse ligado ao fato de estar escrevendo para um jornal brasileiro, para pessoas que estavam longe da Europa, mas desejosas de saber o que se passava neste continente. Valorizar a Europa era, portanto, uma necessidade para ele. E não apenas do ponto de vista comercial, mas também artístico; de modo a fazer seus textos mais interessantes e atrativos e, assim, envolver mais e mais o leitor. É claro que isto não justifica posturas dominadoras e preconceituosas, mas qualquer tentativa de rotular Eça e de definir sua verdadeira opinião esbarrará sempre na sua imensa liberdade de artista e na inconstância e incoerência que esta atitude lhe proporcionava.

Hoje, esta liberdade seria vista como exagerada e um escritor como Eça seria criticado por “brincar” com coisas sérias, mas é preciso entender que Eça não escreveu no século XXI, mas no XIX e, assim, aproveitar de suas obras o que fica de útil e belo; dispensando o resto. E certamente há muita beleza e utilidade no que ele produziu! Ainda que “brincasse” com ideias perigosas (como o eurocentrismo, o sexismo e o racismo).

Eça sempre foi alguém imensamente desejoso de causar efeito, de chamar a atenção de seus contemporâneos; sempre desejou ter *verve*. Por isso, o termo “brincar” não é de todo desapropriado. Tratava-se de uma outra postura ética no campo da arte, em que ele, enquanto, prosador, fingia tanto quanto o poeta dos versos de Fernando Pessoa. Mas talvez a imagem mais apropriada para entender

este polêmico escritor não se encontra nas obras de outro, mas na sua própria. Sem com isso querer identificar o criador à criatura, pode-se refletir sobre a personagem João da Ega, d'Os **Maias**, e, por analogia, tomar a mesma atitude diante do próprio Eça de Queirós.

João da Ega, ao longo de todo o livro, demonstra ser um libertário, o mais radical de Portugal (ao menos dentre as classes instruídas). Ao longo de toda a obra, suas opiniões vão sempre neste sentido, escandalizando o conservadorismo lisboeta. Quando, porém, ele se depara com o odioso Sousa Neto, desdiz-se, só para deixar embaraçado o seu adversário. Como Sousa Neto já estava preparado para contestar as ideias libertárias de Ega, ele o desestabiliza, dizendo defender justamente o contrário daquilo em que de fato acredita. E o faz com tamanha naturalidade e desenvoltura, que o outro não sabe como responder-lhe. Compare:

João da Ega, com efeito, era considerado não só em Celorico, mas também na Academia, que ele espantava pela audácia e pelos ditos, como o maior ateu, o maior demagogo, que jamais aparecera nas sociedades humanas. Isto lisonjeava-o: por sistema exagerou o seu ódio à Divindade, e a toda a Ordem social: queria o massacre das classes médias, o amor livre das ficções do matrimónio, a repartição das terras, o culto de Satanás (QUEIRÓS, 1945, p. 119).

Com o seguinte trecho:

Então Sousa Neto, pousando gravemente o talher, fez ao Ega esta pergunta grave:

– Vossa Excelência pois é em favor da escravatura?

Ega declarou muito decididamente ao Sr. Sousa Neto que era pela escravatura. Os desconfortos da vida, segundo ele, tinham começado com a libertação dos negros. Só podia ser seriamente obedecido, quem era seriamente temido... Por isso ninguém agora lograva ter os seus sapatos bem envernizados, o seu arroz bem cozido, a sua escada bem lavada, desde que não tinha criados pretos em quem fosse lícito dar vergastadas... Só houvera duas civilizações em que o homem conseguira viver com razoável comodidade : a civilização romana e a civilização especial dos plantadores da Nova Orleães. Porquê? Porque numa e noutra existira a escravatura absoluta, a sério, com o direito de morte!...

Durante um momento o Sr. Sousa Neto ficou como desorganizado. Depois passou o guardanapo sobre os beiços, preparou-se, encarou o Ega.

– Então Vossa Excelência, nessa idade, com a sua inteligência, não acredita no progresso?

– Eu não, senhor.

O conde interveio, afável e risonho:

– O nosso Ega quer fazer simplesmente um paradoxo. E tem razão, tem realmente razão, porque os faz brilhantes... (QUEIRÓS, 1945, p.65-66)

Por fim, é preciso entender que Eça só tomava esta postura estapafúrdia e chocante diante de pessoas vazias, alienadas e pedantes, como Sousa Neto. Na presença de gente inteligente e de bom-senso, ele se sentia livre para conversar com mais seriedade, revelando suas ideias e convicções mais íntimas. É assim com Carlos da Maia, seu amigo íntimo. Esta é uma boa alegoria para Eça de Queirós: apenas para os íntimos, ele revelava o seu verdadeiro “eu”. Para os estranhos (e nesta categoria se enquadram os leitores), ele vestia uma máscara. A máscara de homem público que Richard Sennett diz ser necessária para a sadia vida em sociedade (SENNETT, 1988).

No caso particular de Eça, e de muitos outros, não se tratava de uma máscara, mas de várias; trocadas constantemente, de acordo com as necessidades e as vontades de seu dono. É possível pensar que muito do exagero absurdo de Eça tivesse o intuito de chocar as diversas pessoas com o perfil semelhante ao de Sousa Neto (que, embora fosse oficial superior da repartição estatal da Instrução Pública, acaba por perguntar a Carlos da Maia se havia Literatura em Inglaterra) (CITAR). E com efeito havia muita gente assim em Portugal e no Brasil (e ainda os há). Para estas sociedades retrógradas e conservadoras, Eça de Queirós foi uma grande luz, a trazer ideias novas e a combater costumes e instituições anquilosadas. Ele representou um grande avanço em direção ao mundo mais livre e igualitário. É claro que não foi tão a fundo como Said e outros; mas as grandes transformações raramente acontecem de uma só vez. Geralmente, é aos poucos, passo a passo, que as sociedades e suas ideias mudam. O que hoje parece uma pequena contribuição (um tímido passo, para os padrões atuais), pode ter representado uma enorme transformação para a época. Por isso, é preciso analisar a reação dos contemporâneos do autor, para se perceber até que ponto ele representou para eles algo novo ou não. E olhando essa recepção, o modo como enxergavam Eça de Queirós, pode-se dizer que certamente ele representou um grande avanço em direção à liberdade, à igualdade e à democracia para portugueses e brasileiros. Ainda que hoje, seja difícil perceber isso. Aliás, é preciso analisar bem e entender que a humanidade dá um passo por vez. No que se refere ao orientalismo, mesmo pessoas que foram extremamente libertárias em alguns pontos, tropeçam e demonstram preconceito e eurocentrismo, como foi o caso de Karl Marx. A humanidade caminha um passo de cada vez e não se chega às obras mais acabadas e às ideias mais bem formuladas sem a contribuição dos que passaram. É possível até mesmo dizer que sem artistas críticos, como Eça de Queirós – ainda que sua postura ética e política não tenha sido tão completa quanto a do século XXI – não teríamos tido pensadores como Said. Aliás, é bem provável que no futuro Said também seja culpabilizado por erros e preconceitos que hoje não percebemos existir.

Cada época tem suas próprias características e o passado não deve ser desprezado, pois podemos aprender muito com ele. Há várias civilizações que valorizam intensamente o passado e a tradição. É típico do Ocidente ignorá-lo, entretanto. Muitas civilizações que não desenvolveram a escrita guardavam de memória os relatos e mitos de seu povo, bem como as genealogias e alianças de várias gerações. O Ocidente, entretanto, atribuiu a si a alcunha de “Moderno” e

passou a desprezar tudo que não seja novo ou vindouro. E, assim, corremos o risco de trocar um preconceito por outro.

Referências

BITTENCOURT, Rodrigo do Prado. Teófilo Braga: a História Literária como Testemunha da Glória de Portugal. **Revista Magistro**, vol. 9, n.1, 2014. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/2283/1124>>. Acessado em 12/09/2017.

CAVALCANTE, Neuma; MINÉ, Elza. Introdução. In: QUEIRÓS, José Maria Eça de. **Textos de Imprensa IV**. Edição Críticas das obras de Eça de Queirós. Coordenação de Carlos Reis. Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 2002, pp. 15-51.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. A Irlanda e a Liga Agrária. In: QUEIRÓS, José Maria Eça de. **Textos de Imprensa IV**. Edição Críticas das obras de Eça de Queirós. Coordenação de Carlos Reis. Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 2002a, pp. 125-136.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. A Rainha. In: QUEIRÓS, José Maria Eça de. **Textos de Imprensa V**. Edição Críticas das obras de Eça de Queirós. Coordenação de Carlos Reis. Edição de Elena Losada Soler. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 2005, pp. 105-117.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. Os ingleses no Egito. In: QUEIRÓS, José Maria Eça de. **Textos de Imprensa IV**. Edição Críticas das obras de Eça de Queirós. Coordenação de Carlos Reis. Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 2002b, pp. 175-222.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. **Os Maias**. Episódios da vida romântica. 2 vols. Lisboa: Lello e Irmão, 1945.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. **Textos de Imprensa IV**. Edição Críticas das obras de Eça de Queirós. Coordenação de Carlos Reis. Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 2002c, 688p.

QUEIRÓS, J. M. Eça de. **Uma Campanha Alegre**. 2 Vols. Porto: Lello e Irmão, 1945.

SAID, Edward W. **Orientalism**. Londres: Penguin Books, 2003.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das letras, 1988.

Para citar este artigo

BITTENCOURT, R. do P. Eça de Queirós e a construção da criticidade moderna. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 2., 2020, p. 240-252.

O Autor

Rodrigo do Prado Bittencourt possui graduação em Ciências Sociais (USP, 2007), mestrado em Teoria e História Literária (UNICAMP, 2013) e doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino (Universidade de Coimbra, 2017). Segue a linha de estudos que contempla as relações entre Literatura e Sociedade.